

As escolas confessionais cristãs e a educação no Brasil

Confessional christian schools and education in Brazil

Albeiro Mejia Trujillo¹, Maria Francisca Ferreira Trujillo²

¹Pós-Doutorado em Gramaticologia pela PUC/SP e Doutor em Literatura pela UnB. Consultor OEI/SESu/MEC e professor Universitário. malbeiro@yahoo.com.br

²Doutora em Língua Portuguesa pela PUC/SP e Mestra em Educação pela Universidade Católica de Brasília. Técnico em Assuntos Educacionais/MEC, representante da Assessoria Internacional do MEC junto à Comissão Nacional para o Instituto Internacional da Língua Portuguesa – CNIILP, representante do Brasil no Programa CPLP nas Escolas. Representante do MEC no Comitê de Políticas linguísticas para o Mercosul. mariatrujillo@mec.gov.br

Resumo— Durante o período homérico, os poetas eram os responsáveis pela educação, sendo que com o surgimento da Filosofia socrática o ato de ensinar passa a ser tarefa dos “amigos da sabedoria” (filósofos). Vários séculos se passaram até que, na idade média, ou Escolástica, a produção de conhecimentos e formação dos clérigos, além da aristocracia, passara a ser responsabilidade das escolas monacais e conventuais ligadas diretamente à Igreja Católica. Já no século XVI as mudanças sociais que desencadearam transformações de ordem científica, cultural, política, econômica etc., fizeram com que crises, em diversos segmentos institucionais, terminassem em grandes reformas como a Protestante e a Contrarreforma Católica. As transformações por que passava a sociedade europeia, bem como o desabrochar do espírito do Renascimento aliado ao processo colonizador da Espanha e Portugal, terminaram promovendo avanços na popularização do conhecimento. No Brasil colônia, os padres da Companhia de Jesus (jesuítas) deram início à criação de instituições de ensino e a partir de meados do Século XVIII chegam novas congregações e ordens religiosas católicas, além de várias denominações protestantes que passam a tecer a educação confessional em terras brasileiras.

Palavras-Chaves— Reforma; Contrarreforma; Educação Cristã; Currículo Jesuítico; Escolas Protestantes.

Abstract— During the Homeric period, the poets were responsible for education, and with the emergence of

Socratic philosophy the act of teaching becomes the task of the "friends of wisdom" (philosophers). Several centuries have passed until, in middle age, or Scholastic, the production of knowledge and training of clergy, besides the aristocracy, had become responsibility of the monastic and convent schools directly linked to the Catholic Church. In the 16th century, the social changes triggered transformations of scientific, cultural, political, economic, etc., caused crises in various institutional segments, finished in major reforms as the Protestant and the Catholic Counter-Reformation. The changes that passed European society and the Renaissance spirit of blossoming together with the colonizing process of Spain and Portugal, finished promoting advances in popularization of knowledge. In colonial Brazil, the Society's of Jesus priests (Jesuits) have begun to establish educational institutions and from the mid-18th century come new congregations and Catholic religious orders, and several Protestant denominations that come to weave the confessional education Brazilian lands.

Keywords— Reform; Counter-Reformation; Christian Education; Curriculum Jesuit; Protestants Schools.

INTRODUÇÃO

O século XVI foi marcado pela influência das teorias dos reformadores, causando mudanças significativas para a sociedade civil e religiosa, ao desvincular a autoridade das escrituras de questões não relacionadas à religião, bem como o aumento gradativo da importância dada à aplicação da razão aos fatos sociais e à interpretação dos textos

bíblicos. Essa nova maneira de ver o conhecimento incomodou muitos setores da sociedade da época, principalmente as instituições de ensino que viram nas novas tendências uma ameaça à educação cristã.

Diante das novas exigências sociais teve início a história das Escolas Confessionais Cristãs com a Reforma Protestante, encabeçada por Martinho Lutero (1483-1546); e com a Contrarreforma Católica dirigida por Inácio de Loyola (1491-1556), como uma reação contra o movimento separatista. O movimento reformista começou antes da Reforma propriamente dita, com Francisco de Assis (1182-1226, dentre outros), pelo esforço e desejo de restauração da Igreja Católica, em cujo seio eram cometidos muitos abusos, principalmente de poder, ostentação e intolerância. Muitas instituições dentro da Igreja se empenhavam na reforma e a crise foi agravada com a discordância na concepção de religião divulgada na época.

Durante o Século XVI, a cultura latina, representada pela Itália, via os dogmas do cristianismo como verdades acabadas e indiscutíveis, confiadas à instituição Igreja, também de origem divina. Para a cultura saxônica, principalmente a Alemã, os ensinamentos religiosos constituíam verdades na sua origem, mas se completavam pela evolução e o desenvolvimento do espírito humano. Sobre as raízes dessa ruptura religiosa chama a atenção que:

Provavelmente esta tendência para a reforma moral, que culminou no Concílio de Trento (1545-1562), não teria provocado nenhuma divisão permanente na Igreja. Mas, nesta época, as divergências teóricas e teológicas devidas a um desentendimento fundamental, tinham-se tornado tão profundas que a harmonia já não era mais possível (Monroe: 1988, pp. 172 e 173).

Em meio à crise que se instalou dentro e fora da Igreja Católica, a reação contra o movimento separatista surge com o nome de Contrarreforma e tem como objetivo maior recuperar o poder da Igreja e restaurar sua imagem abalada. O principal representante desse movimento foi Inácio de Loyola, oficial militar espanhol que criou a Companhia de Jesus em 1540 (durante o Papado de Paulo II). A nova Ordem religiosa, com regras inspiradas nos modelos militares, apresentava um diferencial em relação às demais ordens religiosas: seus membros, além dos três votos tradicionais (pobreza, castidade e obediência), professavam um quarto voto chamado de “obediência ao

Papa” e eram por ele abençoados. Devido a sua organização interna e à formação sólida dos seus membros, a instituição se espalhou rapidamente pelo mundo, chegando a todos os continentes.

ORGANIZAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO DA ORDEM JESUÍTA

A Companhia de Jesus, fundada por Santo Inácio de Loyola, nasceu como um dos principais instrumentos da Contrarreforma (que se opunha à reforma luterana, principalmente), e tem por missão a Pregação; a Confissão; e o Ensino. A sua função primordial é a de Preparar os futuros membros da Congregação, e educar a juventude em geral. Para cumprir uma de suas missões criaram duas espécies de escolas: os colégios inferiores (ginásios), e os colégios superiores (universidades e seminários).

Essa Ordem religiosa está organizada seguindo uma estrutura hierárquica que começa com o Superior Geral da Ordem, sendo que a este se ligam diretamente as Províncias Administrativas responsáveis pela estruturação das demais Províncias. Entre as atribuições das Províncias está a de organizar o Setor Educativo, ao qual se ligam os Reitores dos diversos colégios, Prefeitos de estudos, e Inspetores de estudos: os Professores estão vinculados aos Reitores e Prefeitos.

Em cada classe os estudantes eram organizados em grupos sob a direção de monitores, sendo que cada grupo era dividido em pares, em que um fiscalizava o outro. Grupos maiores eram formados para as discussões das lições de Gramática, Retórica e História, sendo que essas discussões davam origem a verdadeiras dissertações que serviam para revelar os estudantes mais brilhantes que integrariam as academias (a filiação às academias era voluntária), nas quais aconteciam autênticas discussões dialéticas cujos principais objetos eram a abordagem de temas, ensaios, traduções, assuntos clássicos, sendo que o lema era: “é melhor dar pouco e bem, do que dar muito e mal”.

No processo de preparação dos professores, o ensino era ministrado por ex-alunos que haviam concluído o curso do colégio inferior e também do superior, sendo que os professores permanentes dirigiam os trabalhos dos alunos-mestres, e esses professores eram preparados por um longo curso universitário. Quem melhor se adaptasse ao ensino era escolhido para o serviço do magistério, ressaltando-se que os professores eram homens e formavam um corpo selecionado, superior ao de quaisquer escolas da época. O currículo escolar era humanístico com foco em um alto padrão do Código pedagógico jesuítico, conhecido

como *Ratio Studiorum Societatis Jesu*, cujo método consistia na revisão frequente da matéria estudada: cada dia terminava com a revisão do dia anterior; cada semana terminava com uma revisão geral; cada ano terminava com a revisão do trabalho anual; e o estudante destinado à Ordem revisava o curso inteiro, ensinando-o.

A EDUCAÇÃO JESUÍTICA NO BRASIL

A Primeira missão jesuítica no Brasil aconteceu em 1549, tendo como Primeiro Governador – Geral: Tomé de Sousa e foi dirigida pelo Padre Manuel da Nóbrega. Além deste contam-se entre os principais missionários: João de Aspilcueta Navarro, e José de Anchieta. Este último, durante o mandato de Duarte da Costa, Segundo Governador – Geral, destaca-se pelo seu trabalho evangelizador e educacional, principalmente pela autoria da *Arte da Gramática da Língua mais usada na costa do Brasil* (Coimbra, 1595). Anchieta deixou como legado a primeira gramática do tupi-guarani que consistia em uma verdadeira cartilha didática para o ensino da língua dos nativos brasileiros.

A importância dessa gramática se deu pelo fato de a língua tupi ser falada em toda a costa do Brasil, com algumas variantes dialetais (o tupinambá, o tupinambá do Norte etc.), gerando grande interesse dos colonizadores em aprender uma língua que pudesse servir de instrumento de contato com os índios. A gramaticalização da língua tupi não se fez, assim, aleatoriamente. Ela foi escolhida por ser uma língua que tinha grande extensão geográfica e era falada por grande número de pessoas, na época da colonização portuguesa.

Entre as principais funções desenvolvidas pelos Jesuítas no Brasil está a criação de escolas, colégios, participação como conselheiros políticos, negociadores da paz entre índios e portugueses e, ainda, exercícios da medicina e defesa das armas de Portugal contra invasores franceses. Os religiosos da Companhia de Jesus marcaram a educação no Brasil durante 210 anos, utilizando o Código pedagógico jesuítico, criado em 1599, com as seguintes orientações: da admissão dos alunos; relação com os pais de alunos; compêndios ou manuais e livros a ser usados; das repetições; sabinas (como incentivo aos estudos); o uso do latim; exames (orais e escritos) e sua correção; dos prêmios e castigos; férias e feriados; formação e seleção dos professores; e das confissões e dos bons costumes.

Nas Escolas é transmitida a catequese, ensina-se a ler, escrever, contar e falar português, e também a dançar à portuguesa, cantar e tocar flauta; nos Colégios Elementares é desenvolvida a leitura e a escrita da língua latina; nos

Colégios Secundários a divisão do curso de Letras e Humanidades, que aconteceu após a publicação da *Ratio Studiorum* pautou-se na Retórica, Humanidades (línguas latina, grega e hebraica, poesia e história), e Gramática que era dividida em suprema, média e ínfima.

Os principais colégios jesuítas no Brasil no século XVII foram localizados nos seguintes estados: Bahia (1556), Rio de Janeiro (1567), Olinda – PE (1568), São Paulo (1631), Santos – ES (1654), Maranhão e Pará (1652), Recife – PE (1678), Paraíba (1683), Belém (1687). A influência jesuítica na cultura indígena se deu principalmente na língua, costumes e na religião. Os Jesuítas igualmente exerceram influência cultural nas casas-grandes, na formação da cultura brasileira, e na educação, haja vista que nos colégios e nas casas jesuíticas se instalaram as primeiras bibliotecas do país.

A decadência da Ordem Jesuítica começou como resultado da extrema hostilidade dos protestantes, da oposição de parte da própria Igreja Católica, das atividades políticas da Ordem, e principalmente porque os princípios da educação jesuítica estavam em oposição aos novos ideais do Renascimento.

AS ESCOLAS CONFSSIONAIS CRISTÃS NO MUNDO

Os protestantes muito colaboraram para a formação da pedagogia moderna que temos hoje, visto que a questão protestante estava diretamente ligada à educação, já que essa doutrina religiosa exige a leitura, compreensão e a interpretação das sagradas escrituras para a salvação, e para isso, o indivíduo precisava ter instrução. Para os protestantes, esse é o teísmo pedagógico, que significa o saber funcionando como amparo da fé. Havia uma ligação muito próxima entre a necessidade de uma educação geral e mais abrangente e o conhecimento dos textos sagrados.

A Reforma, enquanto movimento de transformação social, priorizou a reestruturação do ensino nos países saxônicos, fundando escolas, organizando o sistema de ensino com objetivo religioso e político. Os reformadores uniram a necessidade de divulgação da nova doutrina religiosa, que incluía a leitura dos textos bíblicos, em língua materna, à necessidade de instruir os fiéis para que os mesmos tivessem acesso à leitura e compreensão dos textos.

A prova maior de que a tática de evangelização utilizada pelos protestantes estava dando certo foi a adoção dos mesmos meios por parte da Igreja Católica. Isso se manifestou através da criação de congregações e ordens religiosas fundadas com a finalidade de educar crianças e

jovens das diferentes classes sociais em todo o mundo. As Ordens Religiosas surgiram na Idade Média, sendo que não dependem da administração do Vaticano, nem dos negócios da Igreja, e seus membros não precisam ser ordenados sacerdotes.

AS ESCOLAS CONFSSIONAIS CRISTÃS NO BRASIL

No início da colonização portuguesa no Brasil, algumas ordens religiosas chegaram ao nosso território com a finalidade de evangelizar as populações autóctones, sendo o principal exemplo, a Ordem dos Franciscanos (1503), que se assentara primeiro na Paraíba, e posteriormente expandira suas obras para outras regiões do país. Outras Ordens e Congregações religiosas aqui se estabeleceram em diferentes épocas, porém, entre todas as Instituições religiosas, foi a Companhia de Jesus a que mais influenciou na formação do povo brasileiro.

É importante lembrar que as Instituições Religiosas, aqui mencionadas, estão ligadas à Igreja católica, por meio de sua doutrina, mas não dependem da administração direta do Vaticano e seus membros não precisam ser ordenados sacerdotes, no entanto, tais instituições divulgam os valores da Igreja Católica por meio dos diferentes carismas que seus membros abraçam (educação, saúde, diferentes tipos de pastoral, creches, meios de comunicação social, educação especial, missões etc.).

Os padres jesuítas, desde a fundação da Ordem, já faziam diferença entre colégio e escola. Para eles o colégio era uma instituição fundada com objetivo econômico e mais amplo do ponto de vista educacional, enquanto a escola tinha por objetivo ensinar a ler, a escrever e a contar. Desde a chegada dessa Ordem Religiosa ao país, houve envolvimento de seus membros com a educação. A prova disso é que ao lado de uma igreja, os padres erguiam uma escola para atender aos filhos de indígenas e de camponeses pobres, fazendo com que a educação jesuítica, no Brasil, perdurasse por mais de duzentos anos e somente após a expulsão de seus membros em 1759 (pelo Marquês de Pombal) é que chegam novas ordens religiosas e outras denominações confessionais para o trabalho de evangelização e educação.

Em meados do século XIX, as igrejas protestantes chegam ao Brasil e começam, ainda que timidamente, as atividades voltadas para o ensino. Estas instituições criam escolas particulares para propagar, ainda que indiretamente, seus ideais cristãos, e assim o povo brasileiro foi atraído por uma pedagogia inovadora e manteve, ao mesmo tempo,

contato com os valores espirituais dos protestantes. As primeiras escolas eram modestas e funcionavam ao lado das igrejas e visavam à alfabetização e aos seguintes objetivos: ensinar as primeiras letras, ministrar o ensino religioso da Bíblia e do Breve Catecismo, além de suprir a deficiência do sistema educacional brasileiro, bastante precário na época, na instrução das camadas sociais mais carentes.

Os representantes das diferentes denominações protestantes que chegaram ao Brasil a partir do século XIX (Luteranos, Metodistas, Presbiterianos, Batistas e Adventistas), tinham como objetivo primeiro a evangelização na nova terra e a expansão da doutrina religiosa por eles confessada, e nada melhor do que a educação para transmitir as ideologias e os valores por eles pregados. Segundo Hack (2003), havia três elementos essenciais para a sobrevivência na nova terra, sendo o principal interesse dos recém-chegados ao Brasil, depois de ter providência do alimento e abrigo, trabalhar para o estabelecimento do culto religioso e de escolas para seus filhos (Jones 1967 apud Hack 2003).

As primeiras escolas e colégios confessionais fundados no país eram controlados pelo Estado, mesmo com a função de suprir a carência na qualidade do ensino, após o fechamento das escolas e colégios jesuítas, as novas instituições não tinham liberdade para criar seus currículos. No caso dos protestantes, os mesmos não poderiam construir igrejas com formato de templo e as atividades educativas deveriam se restringir à própria residência dos educadores. Para propagar a doutrina protestante, as primeiras instituições educacionais que chegavam ao país tinham como objetivo evangelizar e promover a instrução e assim começaram a aparecer os primeiros colégios. Com o passar do tempo, a educação protestante foi se consolidando e com isso seus educadores inovaram a educação brasileira com seus métodos avançados e suas concepções de educação.

Nesse contexto de expansão das doutrinas religiosas por meio da instrução, o catolicismo e o protestantismo passam a disputar, no Brasil, o espaço nas instituições de ensino e com isso há um verdadeiro surto de colégios católicos masculinos, femininos e profissionalizantes em todo o país. Segundo Moura (2000) de 1890 a 1930 foram criados, em todo o território nacional, cerca de duzentas e setenta e seis escolas católicas de variado porte e clientela diferenciada. No caso das instituições católicas, observa-se que as congregações religiosas vinham da Europa, principalmente da França e Itália, atuavam no ensino secundário e primário, educavam os filhos da elite e algumas, como os Salesianos,

trabalhavam com as escolas profissionalizantes, como o Liceu Coração de Jesus (SP), criado por ordem expressa de São João Bosco em 1885, sendo assim, o primeiro colégio a oferecer educação profissionalizante no Brasil.

Nessa época, as instituições de ensino eram separadas, sendo que os religiosos cuidavam da educação dos meninos e rapazes e as religiosas cuidavam da educação das meninas abastadas e algumas, como as Irmãs de Nossa Senhora de Sion, que chegaram ao Brasil em 1889, e as Irmãs Vicentinas, criavam obras para meninas de famílias abastadas e ofereciam as primeiras lições a meninas carentes que retribuía em forma de trabalho de faxina nas próprias instituições.

Essas instituições traziam para o Brasil os modelos pedagógicos vigentes na Europa e aqui os aplicava sem muito escrúpulo, pois para a época era a escola o lugar em que as pessoas deveriam aprender desde os hábitos de higiene até as línguas que representavam o *status* social: francês, alemão, inglês, grego etc. Outro ponto a ser observado é o ensino da língua portuguesa, obrigatório, porém com carga horária reduzida pelo fato dos alunos já entrarem na escola dominando a língua no nível padrão.

AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DAS ESCOLAS CONFSSIONAIS PROTESTANTES

Os colégios protestantes utilizavam como prática pedagógica o **método indutivo**, totalmente inovador para a época, voltado para a observação e o desenvolvimento cognitivo da criança. Esse método tinha como finalidade a condução da criança ao desenvolvimento de suas faculdades mentais através da observação, a grande atração dos colégios norte-americanos. Os fundamentos teóricos desse método advinham de Horace Mann e Pestalozzi.

No início de suas atividades, os grandes colégios protestantes concentraram seus trabalhos nos cursos secundários, hoje ensino médio, já que estavam sujeitos a pouca regulamentação por parte do Estado. Dessa forma, mantinham grande autonomia e flexibilidade na organização do currículo: incluíram novas técnicas pedagógicas; aplicaram diferentes práticas de ensino e também uma filosofia educacional diferente. Os cursos secundários eram geralmente frequentados por filhos de camponeses das classes média e alta. Ao atrair essa clientela, as instituições protestantes implantaram cursos secundários de boa qualidade que contribuíram para que a nova pedagogia lhes rendesse apoio e o respeito que precisavam.

Os programas de ensino nas escolas protestantes, em geral, estavam voltados para o ensino de humanidades e valorizavam muito o ensino da língua portuguesa e de

outras línguas. O Jardim de Infância surge com o Colégio Menezes Vieira (1875-1887), fundado no Rio de Janeiro pelo médico e educador Dr. Joaquim José de Menezes Vieira; essa modalidade de ensino tornou-se notória no Colégio Piracicabano quando registra 24 matrículas em um ano de funcionamento. Estas instituições, até o final de século XIX, dividiu a educação em quatro repartições e já usavam técnicas avançadas de ensino.

O curso primário estava dividido em três anos com o seguinte currículo: a) Primeiro Ano: ensino do alfabeto (formação de sílabas e soletração dos nomes), ler e escrever números e princípio de adição, leitura, noções de geografia e gramática portuguesa, adição e subtração, caligrafia, doutrina cristã e lições de coisas. b) Segundo Ano: havia ensino de leitura, geografia, gramática portuguesa, prática das duas operações de aritmética e multiplicação, caligrafia, doutrina cristã e lições de coisas. c) Já o currículo do Terceiro Ano era composto por leitura, geografia, gramática portuguesa, as quatro operações, lições práticas das línguas inglesa e francesa, caligrafia, doutrina cristã e lições de coisas.

Para o curso secundário, o currículo era mais completo, pois tinha como objetivo preparar o aluno para ingressar no curso superior. No Primeiro Ano, o aluno estudava leitura de autores modernos, aritmética, geografia, gramática, composição, inglês, francês, história pátria, caligrafia, desenho e doutrina cristã. O currículo do Segundo Ano contemplava leitura, aritmética superior, geografia física e política, história e geografia pátrias, aritmética comercial, gramática portuguesa, análise de clássicos portugueses, inglês, francês, latim, desenho, caligrafia e doutrina. No Terceiro Ano havia o ensino de gramática latina, francesa e inglesa, álgebra, português, história pátria e contemporânea, escrituração mercantil, aritmética comercial, desenho e doutrina cristã. Por último, no Quarto Ano, para fechar o ensino secundário, o currículo estava baseado na leitura de autores clássicos, literatura nacional, inglês, versão do português para o inglês, francês e análise lógica, latim, história universal, retórica, composição e declamação em português, ciências naturais, geometria, música vocal.

O movimento da Reforma e da Contrarreforma gerou um novo modo de pensar a sociedade e as instituições sociais como a Igreja e a escola, dando-lhes um novo direcionamento independente da vontade dos dirigentes, mas orientado pela necessidade de adaptação aos novos tempos. Nesse contexto, as Instituições católicas tiveram que repensar suas práticas religiosas, bem como suas pedagogias de ensino, ou corriam o risco de naufragar no

próprio espírito envelhecido que criava resistência aos novos valores que a História apresentava.

Em contrapartida, os novos desafios trazidos pelos protestantes, ao mesmo tempo em que incomodaram, ajudaram a renovar a sociedade e alguns dos seus segmentos. A história da educação no Brasil mostra a grande contribuição do movimento da Reforma Protestante, e os benefícios para a sociedade brasileira podem ser demonstrados quantitativamente, pois em 1930 cerca de 80% dos estudantes secundaristas do país se encontrava em alguma escola confessional cristã.

As Congregações Religiosas femininas dedicadas à educação de meninas e moças ofereciam um currículo bastante restrito, conforme a mentalidade da época que não via a educação da mulher como prioridade. As alunas eram divididas em dois grupos: as que pagavam e aquelas que contribuía com trabalhos domésticos. Nesse contexto, tem-se o exemplo do Colégio Sion (São Paulo), em que o grupo de pagantes tinha um currículo diferenciado, estudando no Curso Elementar leitura, escrita, aritmética, história sagrada, geografia, português, francês, desenho linear, piano e solfejo. No Curso Médio, repetiam-se as mesmas matérias do ensino elementar e se acrescentavam História do Brasil, História Antiga e da Idade Média, Princípios de Literatura, Língua Inglesa ou Alemã, Ciências Naturais e Desenho. Por outro lado, as alunas carentes, chamadas de **Martinhas**, trabalhavam na rouparia e cozinha, limpeza dos quartos e banheiros, estudavam apenas três horas por dia, recebiam uma educação moral e não ensino formal.

OS COLÉGIOS CONFSSIONAIS PROTESTANTES NO BRASIL

Os professores dos colégios protestantes detinham conhecimento básico das Sagradas Escrituras. Tinham por objetivo a formação integral do ser humano, agregando ao ensino técnico o trabalho manual, porque a finalidade principal da educação protestante era a formação integral do educando. Nesse período a disputa entre católicos e protestantes por clientela na educação ficou evidenciada com o investimento em instituições de grande porte nos principais centros urbanos, e com o objetivo político de formar os filhos das elites, os quais iriam influenciar os novos rumos da nação e que certamente traria benefícios religiosos e econômicos para essas instituições. A partir desse período surgem colégios como: Escola Americana (1870) e que em 1896 passou a se chamar Colégio Mackenzie; Colégio Piracicabano (1881), Escola América

(São Paulo – 1870) e outros que foram fundados e consolidados.

O Colégio Piracicabano nasceu de uma solicitação do futuro Primeiro Presidente Civil da Primeira República Prudente de Moraes e seu irmão Manuel de Moraes que solicitaram ao pastor Junius Newmann, a abertura de uma escola em Piracicaba, de pedagogia norte-americana, para atender às crianças das elites da região. Assim, em 1881, chega a professora Martha Watts, enviada pela Sociedade Missionária de Mulheres Metodistas dos EUA. Os primeiros alunos foram os filhos do republicano Prudente de Moraes, que seria o primeiro presidente civil do Brasil alguns anos depois, e de Manuel de Moraes, mais tarde senador da República. No Colégio Piracicabano havia internato feminino e externato masculino, proposta que para a época, foi totalmente inovadora.

Fernando de Azevedo (1963) reconheceu a modernização trazida pelos protestantes na esfera educacional ao afirmar que eles contribuíram notavelmente em São Paulo, não só para a intensificação do ensino (fundaram os protestantes grandes colégios, como o Mackenzie em São Paulo; o Instituto Granbery Juiz de Fora; o Instituto Gammon também em Minas; e os ginásios evangélicos da Bahia e Pernambuco), mas também no incentivo da literatura didática que se enriqueceu com trabalhos de grande relevância, para o seu tempo, como as gramáticas de Júlio Ribeiro e de Eduardo Carlos Pereira, a aritmética de Trajano, as obras de Otoniel Mota, além dos livros de leitura de Erasmo Braga. Colaboraram, ainda, eficazmente na difusão do ensino popular, pelo sistema de ensino de escolas dominicais.

REFERÊNCIAS

- [1] AZEVEDO, Fernando de. *A cultura brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil*. 4 ed. Brasília: Editora da UnB, 1963.
- [2] BUARQUE, Aurélio, *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2 ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- [3] CRUZ, Estevão. *Programa de Vernáculo: gramática e antologia* (3 volumes). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1937.
- [4] GARRIDO, Stella. *A educação confessional protestante no Brasil*. Monografia de História – Centro de Ciências Humanas da Universidade Veiga de Almeida. Rio de Janeiro: 2005.
- [5] HACK, Osvaldo Henrique. *Raízes cristãs do Mackenzie e seu perfil confessional*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2003.

- [6] LAGE, Ana Cristina Pereira. *Escolas confessionais femininas na metade do século XIX e início do XX: um estudo acerca do colégio Nossa Senhora de Sion em Campanha (MG)*. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br>. Acesso em: 05/11/2007 – 16h.
- [7] MATOS, Alderis. *Os primeiros presbiterianos do Brasil (1859-1900): missionários, pastores e leigos no século XIX*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- [8] MONROE, Paul. *História da Educação*. 19 ed. São Paulo: Editora Nacional, 1988.
- [9] MOURA, Pe. Laércio Dias. *A educação católica no Brasil: passado, presente e futuro*. São Paulo: Loyola, 2000.
- [10] PRADO, Alice da Silva. *Um modelo Pedagógico para a República: Práticas Educacionais da Escola Americana em São Paulo (1870-1915)*. São Paulo, 1999. Dissertação (Mestrado em História). PUC/SP.